

ADREANE BECKER

Casa Zero Hora/Passo Fundo

Salto do Jacuí – O grupo de 72 famílias de descendentes de caingangues – que há seis meses acampou em uma área pública no centro de Salto do Jacuí para reivindicar terras – tem um prazo até 15 de abril para deixar o local. Os descendentes querem 48,7 mil hectares distribuídos entre Espumoso, Campos Borges e Salto do Jacuí, no trecho entre as nascentes dos rios Caixões e Jacuizinho. Em agosto do ano passado, eles haviam ocupado a sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Passo Fundo, para pedir a realização de estudos sobre a área reivindicada, denominada Borboleta.

A situação das famílias acampadas em Salto do Jacuí é precária. Elas recebem alimentos da Funai uma vez por mês, mas, conforme Adão Francisco da Costa, integrante da comissão organizadora do acampamento, a comida dura apenas 10 dias. A Câmara de Vereadores, que funciona ao lado do terreno ocupado, na Avenida Pio XII, fornece água potável para os descendentes de índios. “Muitos estão doentes, mas não temos remédios”, diz Cos-

ta. Sem medicamentos, o grupo utiliza chás de várias espécies.

As famílias não pretendem sair da área até que a situação seja resolvida. “Não vamos desistir da nossa terra”, afirma Costa. Ivori de Oliveira, 38 anos, junto com a mulher, Geni, 36, e 10 filhos entre nove meses e 14 anos, também reivindica um pedaço de terra em Borboleta. “Isso não é vida”, diz Oliveira, referindo-se às dificuldades no acampamento.

Estudos realizados
pela Funai indicam
que a área era
tradicionalmente
ocupada por índios

Conforme o antropólogo da Funai Gilmar Basso, integrante do grupo de estudos sobre a procedência das terras, o relatório sobre as investigações será entregue ao presidente da Funai em maio. “Constatamos que a área era tradicionalmente ocupada por grupos indígenas”, afirma ele. Basso acrescenta que o caso é complexo e que devem ser realizados estu-

dos genealógicos para comprovar a descendência das famílias devido à miscigenação que ocorreu na região.

Os proprietários da área reivindicada ficaram sabendo há pouco tempo que corriam o risco de perder suas terras. No dia 5 de fevereiro, os agricultores começaram a se organizar e formaram uma comissão para acompanhar o processo. Conforme o diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Espumoso e integrante da comissão, Roberto Carlos Iopp, 80% dos ocupantes das terras da área são pequenos produtores rurais. “São cerca de 1,2 mil famílias que moram e produzem no local e que estão sofrendo grande pressão”, diz ele. “Não se pode resolver o problema dos índios prejudicando os agricultores.”

A família Gonzzatti mora há 40 anos na localidade de Linha Ferrari, em Campos Borges. Danilo Gonzzatti, já falecido, comprou os 15 hectares que hoje são cultivados por seus quatro filhos. Dércio Gonzzatti, 27 anos, está assustado com a reivindicação dos índios, mas acredita que não vai ser fácil tirar os proprietários da terra. “Temos escritura, pagamos impostos e produzimos”, assegura.

333-190

1189

POVOS INDÍGENAS

MIRO DE SOUZA/ZH



Reivindicação: Ivori de Oliveira, a mulher e os filhos querem um pedaço de terra em Borboleta

Descendentes de caingangues reivindicam terras no Estado

A área de 48,7 mil hectares pertence a famílias de agricultores

112